

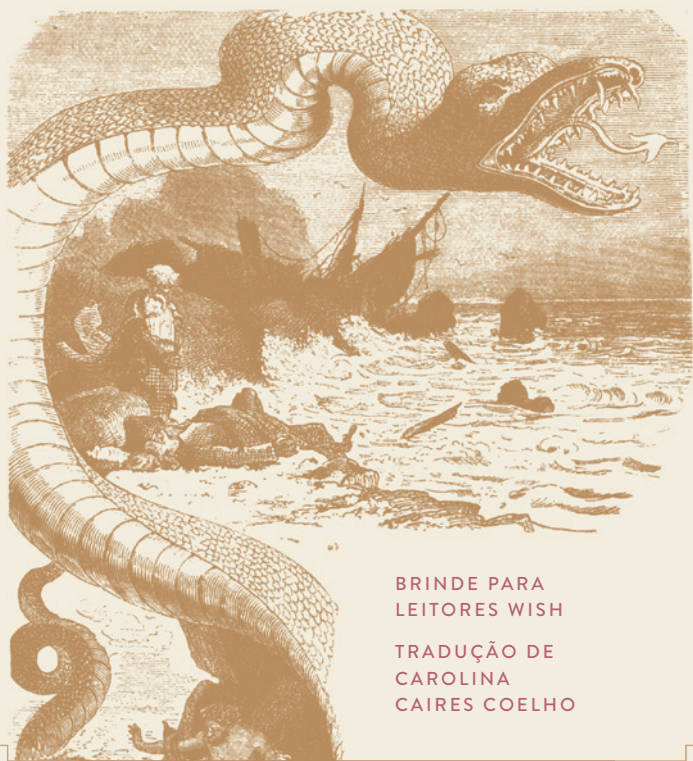
Tradução Inédita

A fada do Mar

DE MARIE
JESERICH TIMME

publicado em

1877



BRINDE PARA
LEITORES WISH

TRADUÇÃO DE
CAROLINA
CAIRES COELHO

Muito obrigada por
ser um leitor Wish!

Esperamos que
goste deste conto ♥

Por favor, não divulgue ou compartilhe este
material sem autorização da Editora Wish

Tradução: Carolina Caires Coelho
Revisão e preparação: Camila Fernandes
Diagramação: Marina Avila

WISH 

Instagram e Facebook: @editorawish
www.editorawish.com.br

DE MARIE
JESERICH TIMME

A fada do Mar

versão mobile



sol do fim do dia se punha em um fulgor de cor nas águas do Atlântico Norte e na costa rochosa da Noruega enquanto um jovem caminhava sozinho à beira de um dos diversos fiordes.

Ele era sozinho no mundo; pai e mãe, irmãos e irmãs, estavam todos mortos, e ele se esforçava para acalmar os desejos de seu coração com as maravilhas de terras estrangeiras.

Vira o sol da meia-noite nos penhascos do Cabo Norte, e seus olhos agora repousavam, muito admirados, no firmamento e no mar, que brilhava com um esplendor desconhecido a outras áreas. Ele se aproximou da beira do mar, e olhou para as ondas, que ali quebravam em uma espuma dourada brilhante. Mas daquela rocha, a poucos metros dali, ele conseguiria apreciar a mudança constante das ondas; por isso, foi até ela e pousou a mão em uma daquelas projeções irregulares para ajudá-lo na subida. Então, viu algo branco e dourado brilhando a seus pés, e, quando se inclinou para a frente para observar mais de perto, viu que era a forma de uma jovem sentada sozinha naquela faixa inabitada. Sobre sua roupa, branca como flores da primavera, até a barra roxa, desciam cabelos dourados como as ondas a seus pés,

e suas mãos delicadas permaneciam unidas sobre o joelhos, enquanto ela, sonhadora e imóvel, olhava para o mar.

O jovem mal ousava respirar, pois não queria assustá-la; mas uma pedra se soltou sob sua mão e rolou até o chão. Ela olhou para cima e virou a cabeça, e então o olhar dele encontrou um rosto de inimaginável beleza.

— Quem és? — perguntou ela, levemente surpresa —, e o que procuras aqui nesta margem esquecida?

— Eu desejava ver as belezas da Noruega — ele reuniu coragem para responder —, e notei que elas são maiores do que pensei. Mas quem és tu, ser maravilhoso, que te aventuras a ficar sozinha nesta solidão, sem nada além do mar e das rochas como companhia?

— Sou a fada do mar — respondeu ela, com seriedade. — O brilho dourado do sol da tarde, que adentrou meu castelo, me atraiu até a costa, como já ocorreu muitas vezes antes. Mas tu és o primeiro mortal que vejo aqui nos últimos milhares de anos.

Ele não respondeu, mas olhou com olhos sonhadores para a adorável forma dela. Em sua alma, os contos de fadas da infância ainda tinham brilho — histórias sobre o castelo de cristal dentro do mar e a beleza fascinante da fada do mar; e agora, seria possível que não tivessem sido fantasias, mas a realidade — a realidade doce e tangível?

Por um instante, ele tampou os olhos com a mão e olhou de novo. Não, ela não havia desaparecido. A luz rosada do sol da tarde pousara em suas roupas alvas, e sua bela forma parecia ainda mais adorável naquele

brilho. Ela se levantou devagar, aparentemente com a intenção de ir até as ondas, quando uma dor tão ardente chegou à alma do jovem a ponto de ele tirar a mão da ponta da rocha e se aproximar com respeito, mas firmeza, da bela moça.

— Não, não partas — ele implorou, erguendo a mão num pedido sincero —, não partas, visão de minha infância. Mas se não puderes permanecer aqui por mais tempo, então leva-me a teu reino do mar. Não há ninguém na terra que sentiria minha falta; e, agora que sei que tu resides sob essas ondas, talvez eu sinta um desejo insaciável por tua presença, como na época de minha infância, quando permanecia por horas à beira de minha terra nativa na esperança de conseguir ver, de relance, os pináculos de teu castelo.

A fada permaneceu parada, e seus olhos, azuis e insondáveis como o mar no horizonte, observaram o rosto do jovem como se lessem sua alma.

— Tens ideia do que me pedes?
— perguntou ela, com sinceridade.
— Se eu acatar teu pedido de levar-te comigo, não será por breve divertimento, pois não poderás partir quando o cansaço chegar, tampouco poderás vagar como quiseres. Não. Se fores comigo, terás que permanecer comigo em meu reino e só conseguirás desfazer teu juramento entregando tua vida. É bom que penses bem. Em tuas veias flui o sangue de uma raça desleal, mas nossa natureza é distinta. Punimos a ingratidão e a infidelidade severamente, e nosso coração não conhece piedade por aqueles que despertam nossa ira.

— Testa-me, moça — disse o jovem, com muita determinação. — Peço que me leves contigo, que me deixes servir-te e cercar-te de amor e obediência; e, se me considerares infiel, não me poupes de tua fúria.

— Então, vem — disse a fada do mar —, e não te esqueças de que é tua escolha.

E Antonio, pois este era o nome do jovem, caminhou alegremente ao lado da bela mulher em direção às ondas. Ela soltou a cinta de estrelas do vestido e a entregou ao jovem.

— Veste-a — disse ela —, de modo que aqueles dentro do mar possam reconhecer-te como um dos meus. — E ele fez o que ela ordenou. Em seguida, ela deu a mão a ele e entrou no mar, que se tornou mais calmo a seus pés como um caminho de cristal. Antonio seguiu com alegria; a cinta mágica impediu que ele

afundasse, e, quando a margem já estava alguns metros para trás, a planície brilhante se abriu e revelou uma escada de vidro descendente que levava às profundezas do reino do mar. Ele desceu pelos degraus ou eles, erguendo-se, se ofereciam aos pés dele? Ele não sabia ao certo o que era, pois agora que era guiado pela mão da fada e cingido por sua cinta, as leis mundanas não tinham mais poder sobre ele. Só sabia que eles desciam para dentro da água com rapidez impressionante, que as ondas da Corrente do Golfo, que fluem com o calor da primavera perto dessas costas, giravam delicadamente ao redor de sua cabeça e ombros, enquanto ele respirava entre elas tão livremente como se estivesse acima da superfície. E, ao olhar para cima, viu os degraus de cristal se desfazerem e voltarem a formar as ondas assim que o pé os

deixavam, e acima de sua cabeça o mar se revoltava como desejava, com grandes ondas, uma depois da outra, com a atuação gloriosa de cores em constante mudança.

Em pouco tempo, ele estava no fundo do mar; e ali não havia nada escuro nem sombrio, como podemos imaginar, mas em todas as partes, o reflexo do céu da noite iluminava as profundezas transparentes com uma luz dourada.

— Agora, tu estás em meu reino — disse a fada do mar —, não te esqueças de que é o lar que escolheste.

Os olhos dele brilhavam enquanto ele consentia alegremente. “Seu lar!” E nunca desejaria outro; disso, tinha certeza.

Eles caminharam juntos pela areia macia, brilhante e dourada. Não longe dali, as árvores roxas se erguiam com troncos finos, e os

galhos amplos se estendiam em todas as direções.

— É meu parque de corais — disse a fada do mar —, ele existe em círculos amplos ao redor do castelo do mar e mantém as ondas fortes longe deste retiro.

Em pouco tempo, estavam diante do portão da cerca viva mágica, e a fada do mar pousou a mão na rocha. De repente, uma corrente elétrica pareceu movimentar toda a fileira de árvores. Milhares de pequenas criaturas preguiçosas despertaram e colocaram a minúscula cabeça para fora das aberturas entre os galhos para receber sua senhora. Enquanto isso, ela seguia com Antonio atravessando o caminho intrincado do bosque de corais, até chegarem à planície brilhante onde ficava o castelo da fada do mar. Suas paredes altas eram coroadas por um



Antonio
no Castelo

telhado cintilante, acima do qual as ondas iam e vinham com a mais suave melodia.

Antonio olhou, feliz e surpreso, para a construção radiante, que excedia em beleza todos os seus sonhos de criança dos quais o castelo fazia parte.

— E eu posso ficar aqui? E nunca serei obrigado a deixar este esplendor? — perguntou ele com um susurro baixo; mas, antes que a fada pudesse responder, sentiu-se um tremor nas ondas ao redor. Acima do telhado transparente, vindo das sombras do bosque de corais, surgiram miríades de pequenas estrelas-do-mar de tons violeta e rosados, e brincaram ao redor da cabeça de Antonio e entre os cachos da fada do mar como borboletas em um dia de verão. Em seguida, voltaram a

se afastar e se perderam na dança trêmula das ondas.

A moça bonita, ainda segurando a mão de Antonio com cuidado, caminhava agora pelo campo inundado que cercava o castelo com as ondas calmas; e, quando chegou ao portal abobadado, os portões transparentes se abriram sozinhos, e a imperatriz do mar adentrou seu palácio encantado.

Os olhos de Antonio estavam encantados com o esplendor ao redor. Corredores e mais corredores se sucediam, iluminados, e acima de todos eles estendiam-se os arcos altos do telhado de cristal, por meio do qual o céu noturno derramava seu esplendor incessante.

Quentes e suaves como a brisa da primavera, as ondas pequenas subiam mais alto do que aqueles cômodos encantados e se quebravam

espirrando levemente nas paredes de cristal — agora, brilhando como uma inundação de vermelho, agora azul, e agora como âmbar líquido; assim, elas espelhavam a mudança das cores nas nuvens passageiras acima.

A fada do mar olhou o rosto feliz de Antonio.

— Achas que será possível esquecer teu lar terreno aqui em meu reino? — perguntou ela, graciosamente.

— Esquecer? — respondeu ele. — Se o lar é o ponto mais belo da terra, então acabei de descobrir o meu agora. Daqui para a frente, todos os outros lugares estão esquecidos para sempre. Mas o que é aquilo ali? — perguntou ele, apontando para todos os pilares verdes e altos cujos topos chegavam praticamente ao telhado de cristal.

— Veja por si mesmo — disse a fada do mar, e ele se posicionou ao lado dela em direção ao último corredor no qual havia colunas graciosas. E agora, ele pairava entre suas colunas finas e deu um grito feliz ao olhar para cima, para o domo transparente, por baixo do qual as copas frondosas ondulavam, enquanto pequenas estrelas-do-mar brilhavam com força enquanto pairavam entre as folhas.

— Palmeiras! — gritou Antonio, sem fôlego, surpreso. — Palmeiras, como as que escutei farfalhando às margens do Ganges! Isso deve ser uma ilusão, um sonho dourado, do qual, mais cedo ou mais tarde, acordarei. Não, não, ali estão os cipós flexíveis enrolados nos caules majestosos, e ali na sombra esconde-se minha flor de lótus, a mais linda de todas as flores incríveis da Índia!

Ele soltou a mão da fada, seguiu em frente e olhou dentro do copo brilhante, cujas folhas tremiam nas ondas.

— Sim, de fato, é o lótus, brilhando em pureza alva como suas irmãs no rio sagrado, em cujo copo a deusa dorme. Mas ah! Como chegou aqui, amada flor? Mas o que pergunto? O rio sagrado de sua casa preferida pegou tua semente caída e a levou até o mar, e ali, em sua onda protetora, tu rolaste sem parar, mais e mais longe, em direção ao sudeste, até chegar à calorosa Corrente do Golfo. Levada em direção ao norte por essa corrente de bênção que a Natureza cuidadosa envia a esses locais cheios de gelo, tu vieste com galhos de palmeira quebrados e cipós a esta terra mágica do norte, onde a mão da bela fada do mar deu a ti um segundo lar – belo o suficiente para

fazer com que te esquecesses até das planícies ensolaradas da Índia.

As flores de lótus pensavam da mesma maneira? Seu copo trêmulo não ofereceu resposta, mas Antonio pensou que sim. A partir daquele momento, o reino da fada do mar deveria ser sua casa, e ela própria deveria ser estimada por ele como seu pai e sua mãe costumavam ser nos dias havia muito esquecidos. A felicidade dele parecia completa ao caminhar ao lado dela no amplo caminho aquático de uma maravilha a outra, enquanto os lábios dela, sérios mas lindos, explicavam a ele com eloquência os mistérios das profundezas, problemas na solução dos quais homens curiosos passavam a vida em vão. As estrelas-do-mar felizes os circundavam; ao lado deles, na areia reluzente, raias espinhosas rolavam como bolas prateadas; atrás

delas vinham, em uma multidão de múltiplas cores, os peixes grandes e pequenos, com as barbatanas e escamas brilhando à luz do sol como prata e pedras preciosas. Eles passavam destemidas ao redor de Antonio, permitiam que ele os pegasse e os acariciasse, e olhavam para ele com olhos inteligentes quando ele falava com eles usando palavras humanas. Não compreendiam bem o que ele dizia, mas todos entendiam o padrão de estrelas na cinta, que ainda adornava sua cintura com um círculo radiante e o tornava conhecido como amigo de sua amada senhora.

Sim, era agradável planar pelas ondas, com beleza, paz e harmonia ao redor; mas Antonio sentia ainda mais prazer em vagar com a fada majestosa pelos corredores do castelo de cristal, ser erguido por

ondas delicadas ao domo elevado e olhar através de sua abóbada transparente o céu claro que se estendia acima dele.

Mas Antonio passava os momentos mais felizes no corredor de palmeiras, enquanto descansava nos cantos abrigados pela sombra onde as flores de lótus se abriam. A flor curvava seu copo branco a seus olhos sonhadores, e as ondas moviam os estames lilases em sua testa com o mesmo carinho do toque de uma mãe. A água fluía por ele suave e quente, bem acima de onde as palmeiras balançavam seus galhos frondosos, e a fada do mar passava pelos corredores brilhantes, cantando canções e tocando a harpa dourada do modo mais doce e encantador do que qualquer outra coisa que Antonio já tivesse ouvido no mundo. É de surpreender, então,

que ele tenha se esquecido de sua casa triste e nada musical? Que nunca pensasse muito nela?

O sol do verão sempre emitia a luz dourada, indestrutível pela escuridão da noite, para dentro do reino da fada do mar; as estrelas do céu de inverno sempre brilhavam através do telhado de vidro do palácio do mar; mas Antonio não havia prestado atenção à fuga do tempo. Os anos passaram por ele de modo agradável, mas monótono; as ondinhas tremiam e cantavam com alegria imutável; e Antonio passava de prazer a prazer, sem lembrança, sem saudade, sentindo apenas a alegria do agora.

A luz do sol de um novo verão estava entrando no ambiente do mar quando Antonio saiu do palácio e passou pelos campos aquáticos brilhantes. A fada tinha sido chamada

para tratar de alguma questão em uma parte afastada de seu amplo reino, e Antonio, assim, havia ficado sozinho no castelo. Mas os corredores esplêndidos pareciam para ele menos bonitos sem sua amada rainha, e ele se determinou a procurar a companhia dos peixes felizes lá fora. Eles chegaram nadando para encontrá-lo, escorregaram por seus dedos, espirraram a água, felizes com suas nadadeiras e caudas, e formaram uma procissão brilhante e ampla enquanto ele caminhava.

Em pouco tempo, os galhos disformes do bosque de corais formaram um arco acima de sua cabeça. Ele pretendia, naquele dia, explorar todos os cantos daquele local adorável, do qual, até aquele momento, tinha visto apenas uma parte. Adentrou cada vez mais o labirinto de árvores, e os peixes o

seguiram a cada passo e planaram como estrelas prateadas em meio aos galhos vermelhos.

Antonio olhou para trás; a planície ensolarada e o palácio reluzente tinham desaparecido, escondidos pelo bosque de corais; mas ao lado, à beira da floresta, ele ouviu um ronco incessante, pois o vagalhão do oceano crescia e se intensificava além do círculo mágico.

Ele foi além; tudo se tornou estranho e terrível. Não havia nem sinal das regiões brilhantes e familiares que ele conhecia tão bem. O crepúsculo arroxado se espalhava ao redor dele, e mais ao lado, o mar revolto; mas ali, à frente dele, havia um brilho fraco que foi se tornando mais intenso. Poderia ser o castelo de cristal que ele pensava ter deixado para trás?

Por fim, ele chegou à luz e olhou para a cena a seus pés. Diante dele, havia um espaço aberto, iluminado por feixes de luz do sol, livres, radiantemente dourados, e sob aquela inundação de luz do sol, havia fileiras de adormecidos pálidos e silenciosos, coração com coração e braços dados, já que a ira do mar ou a fúria da fada do mar haviam feito com que eles fossem tirados de sua vida completa e feliz. Eles tinham partido para navegar destemidamente em seus navios pelo mar, talvez até aproveitando a proximidade com o porto, e na expectativa de reuniões felizes, quando de repente foram destroçados por um recife escondido, ou arrastados para o fundo por um redemoinho traiçoeiro.

Antonio caminhou com o coração batendo forte entre os adormecidos. Ali estava um senhor com

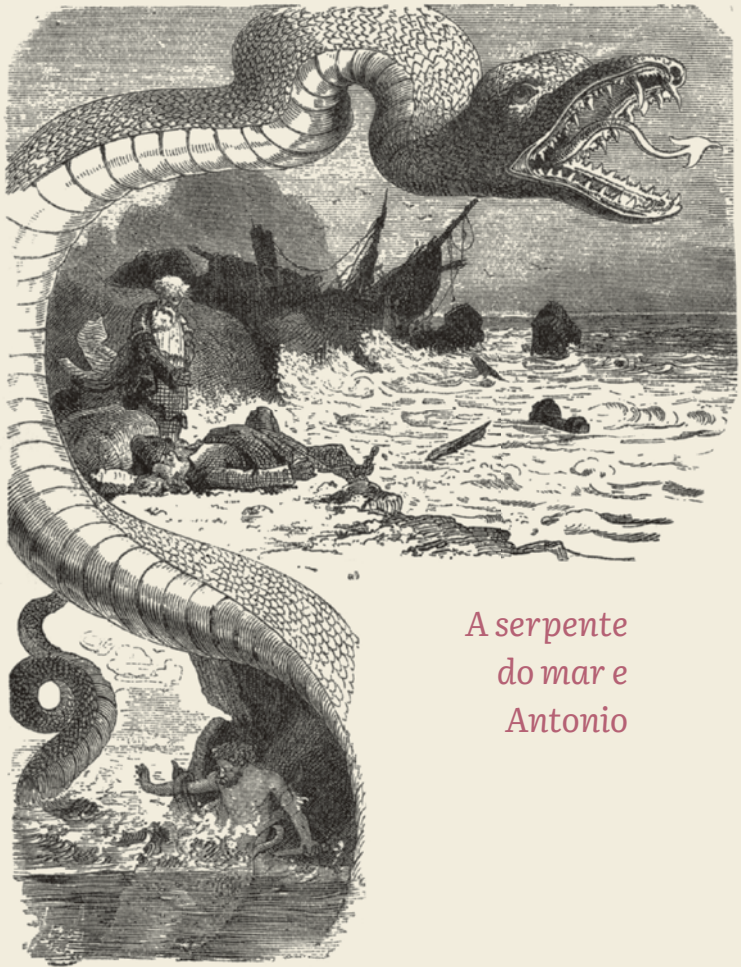
cabelos compridos e grisalhos, e a mão enrugada delicadamente pouxada na cabeça de um menino bonito; ao lado dele havia um homem, cuja esposa jovem, apesar de estar lutando contra a morte, não tinha deixado de se preocupar em segurar seu pequeno; dormiam ali dois jovens robustos, com as mãos unidas num forte afeto — eram irmãos, como mostrava a semelhança de traços. E ali, e lá, e acolá, para onde Antonio olhasse, havia formas antes bonitas com seu vigor jovem, agora frias e rígidas na morte. E, ainda assim, pareciam estar apenas adormecidos, pois, ainda que fizesse muito tempo que estavam ali, o tempo não os havia prejudicado. Seus traços permaneciam inalterados, exceto por uma paz mais profunda; e, quando os galhos acima deles balançavam ao sabor das ondas, lançando as sombras roxas pelo fundo do solitário

mar, reluzia no rosto dos mortos algo como o reflexo da antiga vida.

Antonio se inclinou sobre eles, como se quisesse ler o último pensamento triste de seus lábios pálidos — saber do último desejo não expressado, que ele pudesse levar consigo como um juramento solene e realizá-lo tão logo conseguisse alcançar o mundo superior. Pois o encanto do reino do mar se desfez ao ver aqueles rostos pálidos, e agora ele queria sua casa, por mais triste e nada musical que fosse. Com um suspiro profundo, desviou os olhos da cena triste e avançou em direção à borda mais afastada da caverna de corais, onde os galhos cheios se inclinavam e formavam uma rede baixa, que dividia o local de descanso dos mortos com o mar revolto. Ele se apoiou com os braços cruzados na cerca e olhou para o mar agitado. As ondas enormes se

assomavam escuras como nuvens de tempestade, acumulavam a espuma branca na direção do céu e afundavam com um rugido forte outra vez. Era uma cena de horror fascinante, da qual Antonio não conseguia desviar o olhar.

Então, de repente, em direção ao norte em meio às ondas fortes, veio algo estranho, assustador, terrível. Seu longo pescoço serpenteante era de um verde cambiante, e a bocarra era repleta de dentes afiados e destruidores; o corpo gigantesco coleava pela água e se recolhia e voltava a se estender imensuravelmente, de modo que até as ondas sem vida se retraíam, e o coração de Antonio quase parou de bater com a surpresa e o medo. Assim, o monstro das profundezas se erguia em movimentos lentos, mas incessantes, e sua cabeça ameaçadora se



*A serpente
do mar e
Antonio*

erguia acima da água espumante ao lado da cerca de corais, quando Antonio viu a cauda venenosa, pela primeira vez, de relance.

— É a serpente do mar — disse ele, por fim, com a voz falha, assim que recuperou seu poder de falar —, o monstro sobre o qual a fada me contou, que traz morte e destruição quando surge. Os pobres marinheiros na superfície da água, que talvez tenham rido e feito piadas a respeito dessa história, agora verão e sentirão seu poder na última luta aterrorizada pela vida. — E ele uniu as mãos com força enquanto olhava para cima, agoniado e amedrontado.

De repente, uma sombra ampla escureceu as águas, cobrindo com sua asa sombria a cerca roxa e as ondas douradas que fluíam acima de sua cabeça. Antonio buscou a causa desse fenômeno e viu bem acima, no mar

que se assomava, uma rocha baixa que nunca tinha notado. Ele não sabia se as ondas pesadas a tinham arrancado da costa e a levado até ali ou se a tempestade a havia forçado para longe do fundo do mar; mas ali estava, escura e imóvel, com as ondas passando por ela, e a serpente do mar enrolando-a em anéis fortes.

Agora ele sabia para que o mar preparava todos os seus horrores. Ali, do sul, veio um barco com velas bem abertas, de estrutura firme e resistente, e guiado por uma mão habilidosa; parecia rir dos terrores das profundezas, pois a rocha mortal e a serpente à espreita estavam escondidas dentro da água; as ondas enormes se acumulavam acima de ambas, e as cobriam com sua espuma.

O capitão da embarcação imponente viu as ondas crescendo, mas

conhecia os poderes de seu nobre navio. Com os olhos brilhando, ele permanecia no convés, acalmando os passageiros com palavras felizes e gritando ordens aos marinheiros ágeis. Ele direcionou o navio com confiança pelo caminho familiar, no meio do qual a rocha traiçoeira permanecia esperando sua abordagem.

Antonio observava o avanço do navio. Seus olhos aguçados pelo terror distinguiam todos os mastros, todas as pranchas. Pensou ter visto rostos sorridentes, felizes e calmos inclinando-se pela lateral e acenando de modo simpático para ele em suas profundezas calmas e seguras lá embaixo. Ele retorceu as mãos, desesperado, e gritou a plenos pulmões:

— Vire para a esquerda. Ah! Vire para a esquerda, pois do lado direito se esconde a morte em dobro.

— Mas a próxima onda afogou o grito, e não deu a ele nem mesmo o mais fraco eco.

Agora, agora o fim deve chegar — inevitável e assustador. Antonio tampou os olhos, angustiado e trêmulo. Uma batida repentina, um único grito estridente, que com terrível clareza surgiu mais alto do que o ronco do mar e o sibilar da serpente, passando pelas ondas, e acelerou o coração de Antonio, que batia forte. Ele tirou as mãos do rosto pálido e olhou para cima, em meio ao mar.

As ondas ainda rolavam, a rocha ainda permanecia na escuridão apavorante, a serpente ainda se enrolava em anéis assustadores, mas as pranchas espalhadas da embarcação quebrada foram sendo levadas em círculos pelo redemoinho ensandecido, e aqueles que, um instante antes, tinham sorrido na plenitude

da vida e da felicidade agora brigavam com as ondas. Homens fortes entre eles, que não deixavam a vida sem lutar, buscavam as pranchas boiando, erguiam-se mais alto do que as ondas e procuravam os entes queridos ao redor. Mas a serpente do mar passou por cima das ondas de espuma branca, bateu o rabo nas madeiras flutuantes e os mandou, trêmulos, na direção das profundezas famintas.

Felizes eram aqueles que, já afogados pela água, tinham afundado inconscientes até o leito do oceano, para descansar sem serem perturbados. Os sobreviventes eram as vítimas do monstro. Com a cauda enrolada em fúria, os olhos verdes brilhando e as enormes presas à mostra, atacava todos os homens cujo braço poderoso e coração valente não desistiam da luta com as

ondas, e, em um instante, seu grito de morte se perdeu na terrível garganta da serpente do mar. Com ira insaciável, ele passou de um a outro até todos terem perecido, até não sobrar nenhum para levar para casa a terrível história. Ninguém conheceria o destino da embarcação e sua carga preciosa.

Antonio tinha caído de joelhos, e seus olhos acompanhavam todos os movimentos da serpente do mar até o trabalho assustador ser finalizado.

Quando tudo terminou, a serpente do mar se balançou terrivelmente satisfeita nas ondas e deixou que elas a levassem de acordo com a própria vontade. Mas a rocha escura continuou em movimento e caiu lentamente rumo ao fundo, fazendo as ondas criarem espuma e se espalharem enquanto se afastavam à esquerda e à direita, permitindo que

ela passasse. Então, Antonio notou que aquilo que, ao longe, ele havia pensado se tratar de uma rocha, era um kraken gigantesco, um daqueles monstros marinhos que costumam permanecer dormentes por anos no fundo do mar, e então sobem à superfície e atraem com determinação mortal homens distraídos pelo caminho. Ele viu os braços grandes e compridos que, segurando os mastros, os havia rachado como se fossem juncos, e lançado as pranchas longe, destruindo mais do que a simples força das ondas teria conseguido. Os membros serpenteantes tateavam as águas, incertos, buscando o leito do mar onde o monstro permaneceria agora por um longo período de repouso.

Antonio involuntariamente se retraiu, apesar de o mar, com seus vagalhões e seus monstros ainda

mais temíveis, não conseguir vencer a cerca de corais nem perturbar as águas brilhantes da Corrente do Golfo. Ele observou o kraken chegar ao fundo, acomodar-se em seu leito macio e recolher os braços compridos para dormir. E então, tudo ficou tranquilo como antes.

As ondas fortes se acalmaram, e o mar se tornou calmo e claro; um céu azul-escuro arqueava-se acima, e o sol lançava feixes dourados pelos vagalhões, alcançando as mais intensas profundezas, manchando de luz amarela as ondas que fluíam acima do kraken, que permanecia disposto como um grande monte escuro perto da cerca de corais, e separado dela por uma corrente de água estreita.

Antonio recuou hesitante até a cerca e observou. Nas costas do monstro do mar, balançava-se uma

floresta de algas altas, que haviam criado raízes ali durante os longos anos de inação. Em meio aos fios em movimento, pequenos peixes e ouriços-do-mar passavam destemidos, e tartarugas preguiçosas se mantinham abrigadas. Mas no meio, como em um ninho de lodo marrom, havia algo como um cisne de brancura impressionante, com asas abertas e sem vida. Antonio olhava fixamente para esse objeto, quando uma onda brilhante passou pela vegetação e ergueu os membros do cisne morto. A onda seguinte o soltou do local assustador onde estava e o levou para a corrente que fluía em direção ao local dos mortos.

A ave flutuava cada vez mais perto, até bater na rede de corais, e Antonio esticou os braços para pegá-la. Então, viu que não era um cisne, mas uma adorável moça com

um traje amplo e esvoaçante, a quem as ondas haviam trazido do navio até as costas do monstro do mar, e que, assim, tinha sido colocada em sua cova. Com o coração pesaroso, ele a pegou no colo, a ergueu para passá-la pela cerca de corais e a levou para onde os mortos estavam em seu local de descanso pacífico. Ali, ele a deitou ao lado do velho, ajoelhou-se ao lado da moça morta e ajeitou os cabelos loiros e compridos, espalhados pelas ondas, ao redor do rosto pálido, mas lindo, e cruzou as mãos claras como se em oração.

A última tarefa foi realizada, e ele agora estaria livre para voltar ao castelo de cristal, para se acomodar na nova alegria e no esplendor, mas ainda assim se ajoelhou ao lado do cadáver da moça, olhando de modo sonhador para o rosto pálido como quem olha para a distante escuridão.

Ele sabia que do sono dela não havia como despertar, pois naquelas águas profundas nenhum ser vivo poderia respirar, exceto aquele que vestia, como ele, a cinta da fada do mar; ela estava morta, e deveria se deitar e dormir até o momento da ressurreição. Os olhos permaneceram fechados, e a boca nunca mais conseguiria sorrir, mas Antonio olhou para ela como se estivesse prestes a contar para ele uma história familiar e bonita — talvez a história de sua própria vida. Antonio conhecia o rosto doce, inocente, suave, mas a inundação de medo e horror que havia tomado conta de sua alma por horas havia confundido suas lembranças, e ele só sentia que os olhos e a boca agora tão fechados na morte já tinham sorrido para ele com amor e amizade.



*Antonio
e a moça*

Por fim, ele se levantou, lançou um olhar para as fileiras de adormecidos, deu um passo para trás no bosque de corais e passou pelos caminhos escuros de volta ao castelo da fada do mar.

Sua visão do mar tinha perdido o encanto, o paraíso de seus sonhos infantis estava em ruínas; as ondas ensolaradas, que pouco tempo antes tinham se espalhado ao redor dele com o calor suave das brisas de verão, agora pareciam tão frias que ele estremeceu e sua respiração se tornou difícil e dolorosa.

Mais uma vez, ele repousou no corredor de palmeiras, e os estames das flores de lótus flutuavam delicadamente sobre suas tâmporas, nas quais o sangue agora fluía mais depressa, pois o grito de morte da tripulação afogada ainda ressoava em seus ouvidos, e diante de seus

olhos estava a imagem pálida e linda da moça morta.

Onde, ah! Onde ele tinha visto aqueles traços? Olhou para os topos esvoaçantes das palmeiras. Poderia ter sido às margens do rio Ganges que tal boca havia sorrido para ele, no grupo de moças hindus que passavam por ele todas as noites com jarros na cabeça indo buscar água do rio sagrado? Não, não, não tinha sido ali, nem em nenhum outro dos países favorecidos do novo mundo, que ele vira aquele rosto, pois lá, os cabelos das moças tinham um tom mais escuro. Não; nenhuma terra estrangeira havia mostrado a ele aqueles doces traços, e seus pensamentos se voltaram a seu antigo lar, havia muito esquecido.

As palmeiras sob o domo de cristal mudaram enquanto ele olhava para o limoeiro velho e amplo

no pomar de seu pai, e a canção das ondas nos corredores mágicos soava em seu ouvido como as notas do pequeno órgão que seu pai tocava à noite quando o dia de trabalho chegava ao fim.

Antonio fechou os olhos. Seria para lembrar com mais facilidade as cenas havia muito esquecidas ou para esconder as lágrimas quentes que faziam seus olhos arder? Para ele era como se deitasse mais uma vez no banco redondo abaixo do limoeiro, com a cabeça no colo macio da mãe, e a mão dela, delicada, em sua testa; acima dele, balançavam-se as folhas do limoeiro, e pelas janelas abertas chegavam as notas delicadas da canção noturna de seu pai. Antonio permaneceu ali escutando em silêncio. Sua mãe tinha um sorriso feliz no amado rosto, e ao lado dela, o antigo professor de Antonio, cujos

lábios eram o alvo da atenção dele e de seus companheiros, enquanto ele contava a respeito das terras desconhecidas que tinha visitado na juventude.

Ah, a corrente de lembranças que tomavam o coração de Antonio! — música e fragrância, a mão delicada da mãe, e as descrições maravilhosas do velho; e no meio de tudo, uma criança delicada como uma fada, com um vestido branco delicado e cabelos dourados, que fluava como um raio de luz entre os caminhos do jardim! Depois de colher flores em quantidade suficiente, ele subiu devagar, sentou-se aos pés do pai dela e teceu uma grinalda; Antonio mantinha os olhos fechados, não para dormir, mas para escutar sem perturbação. A pequena, acreditando que ele dormia, ergueu-se delicadamente e colocou a grinalda

em sua testa. Então, ele pegou as mãos dela e, de modo brincalhão, as segurou; mas ela se inclinou sobre ele até seus cabelos claros tocarem seu rosto e sussurrou:

— Fica em silêncio, Tony; teu pai está contando uma história, e não gosta de ser interrompido. — E então, ela olhou para ele e sorriu.

O enigma foi resolvido, finalmente. Era ela. Era a doce menina a quem o coração travesso havia se entregado num amor terno, e cuja imagem havia partido com ele para as terras distantes até desaparecer diante das visões brilhantes e cambiantes pelas quais ele passava. Mas agora, estava diante dele com sua beleza antiga, e ele a amava como se tivessem se separado no dia anterior — agora, quando ela estava fria e rígida entre os mortos.

Ele se levantou, uniu as mãos, angustiado, e olhou para o teto de cristal, por meio do qual o céu da noite enviava todos os tons claros de um pôr do sol do norte. Mas tudo o que ele amava olhar ali não tinha mais beleza a seus olhos. Por dentro havia melodia, canção e esplendor sobrenatural; por fora, morte, horror e pesar indizível. Ele se ergueu, correu como se perseguido pelos corredores brilhantes e saiu para a planície diante do castelo; mas as águas que trariam perfume, canção e brilho para recebê-lo pareciam agora cheias de uma escuridão mortal, e o som de suas ondas parecia um soluço reprimido.

Ele se virou estremecendo e, pela primeira vez desde que havia chegado ao reino da fada, direcionou os passos para o portão de corais que separavam a Corrente do Golfo dos

vagalhões mais escuros do mar. Saiu e andou em silêncio pela areia, que agora parecia ter perdido seu brilho dourado. Logo, chegou ao ponto onde os degraus de vidro terminavam e olhou para cima em meio às águas agitadas.

— Ah, se eu pudesse voltar só uma vez ao ar fresco, à liberdade — suspirou —, à minha casa antiga e abandonada! — E seu desejo foi realizado, pois ele ainda usava a cinta de estrelas que tornava os elementos obedientes a sua vontade. As ondas se abriram como as pétalas de um lírio e formavam degraus de vidro. Com um grito de alegria, Antonio colocou o pé no mais baixo, e mal sabia se ele próprio se movia ou se a água o erguia de um degrau a outro. Viu as águas azuis ficarem cada vez mais claras, até chegar ao último degrau, com a cabeça acima

das ondas, e respirou fundo seu ar nativo.

Com olhos brilhantes e o peito ofegante, Antonio olhou para o oeste, onde a esfera radiante do sol repousava em uma cama de nuvens roxas, enquanto o reflexo passava pelas sombras rosadas e ambarinas sobre todo o céu, e os vagalhões distantes fluíam como um manto escarlate.

Mas as ondas que trouxeram Antonio à costa espirravam um brilho dourado como naquela noite de verão em que ele desceu para a terra de fadas dentro do mar. Ali também estava a rocha vermelha na qual tinha visto a fada, e, com um suspiro, ele voltou os passos naquela direção. Não havia ninguém sentado ali agora? Antonio protegeu os olhos com a mão, pois ainda estava surpreendido com a luz incomum. Não era ilusão. Ali, onde a fada já

tinha se sentado, estava uma figura curva e velha, e, em vez dos cachos loiros, cabelos grisalhos flutuavam ao redor das têmporas.

— Um ser humano! — Foi o primeiro pensamento extasiado dele ao correr pela costa.

— Boa noite, senhor — gritou, feliz.

O velho ergueu a cabeça calva, e seus olhos tristes pousaram com indiferença no jovem. Mas as últimas horas tinham mudado Antonio. O véu tinha caído de seus olhos e de seu coração, e ele via agora com os olhos aguçados da infância. O cabelo da cabeça do senhor tinha de fato se tornado mais ralo desde a última vez em que observarão vira, e o pesar tinha marcado linhas profundas na testa alta; mas era a mesma boca sincera cujas palavras Antonio tinha ouvido com grande

disposição, e nos olhos escuros ainda brilhava uma espécie do fogo antigo. Era seu professor idoso, o pai da moça pálida e bela entre os mortos nas profundezas do mar.

— Não me conhece, respeitável senhor? — perguntou Antonio, com a voz falhando, enquanto fazia uma reverência respeitosa.

O velho olhou para ele de novo.

— Não — disse ele lentamente —, eu não te notei entre a tripulação; mas, apesar de ser um desconhecido, fico feliz por estar em segurança. Pensei que fosse o único sobrevivente do naufrágio.

— Olhe para mim mais uma vez, senhor — disse Antonio, tentando firmar a voz que falhava —, e volte algumas páginas na história de sua vida. Pense em um jardimzinho e em um antigo limoeiro cuja copa o abrigava com frequência, enquanto

as notas suaves de um órgão na atmosfera de verão.

Os olhos do velho brilharam mais, e seus lábios tremeram.

— Antonio! — disse ele, gaguejando. — Antonio! — E sua cabeça branca se encostou no ombro de seu pupilo preferido, que estava ajoelhado à sua frente com o braço envolvendo de modo filial e delicado aquele homem sem filhos.

— Ah, Antonio! Perdi minha filha hoje, hoje mesmo. Ela não me deixou ir sozinho para o norte, para onde, por impulso, fui levado na velhice, e foi comigo em minha jornada complexa. Hoje, atingimos um rochedo escondido, e a mesma onda que a lançou contra a rocha escura me arrastou, apesar de minha luta, para esta costa deserta, ainda que eu preferisse ficar com minha doce criança no fundo do mar.

O velho cobriu o rosto com as mãos, e Antonio não se arriscou a dizer nenhuma palavra de consolo.

— Se eu ao menos conseguisse encontrar o cadáver dela — disse o pobre velho, por fim —, poderia enterrá-la em casa; mas até mesmo o triste consolo de visitar seu túmulo me é negado.

— Ela encontrou um lugar de repouso melhor do que aquele que o senhor poderia dar a ela — disse Antonio —, ela dorme em uma cama dourada; um bosque de corais cerca o local; a deterioração não tem poder sobre seus belos traços, e nenhum verme pode tocá-la. Permanece entre companheiros nobres, enquanto os raios do sol beijam suas pálpebras brancas como neve, e as águas quentes da Corrente do Golfo fluem delicadamente sobre ela.

— Como sabe de tudo isso, Antonio? — perguntou o velho, surpreso.

E Antonio contou a ele a respeito daquela noite em que conhecera a bela fada do mar naquela mesma rocha, e descera com ela para o reino submarino, para viver esquecido do lar e dos amigos, até que, despertadas pelo que tinha visto e sentido hoje, as antigas lembranças ganharam novo poder sobre ele e latejavam mais forte do que nunca em sua alma.

— O que fará agora, meu filho? — perguntou o velho.

— Vou para casa com o senhor — respondeu Antonio, depressa. — Serei um filho dedicado e obediente, se me permitir.

O velho olhou para ele com olhos marejados.

— Então, vamos — disse ele, erguendo-se —, pois quero sair deste lugar de horror. Daqui a algumas horas, chegaremos ao pequeno porto no qual pudemos ancorar ontem à noite, e ali, poderemos embarcar em um navio com destino ao lar.

— Que seja como o senhor quiser, meu pai — respondeu Antonio. — Mas um dever ainda não foi cumprido. Se a fada do mar tivesse me levado por meio de engano ou violência para seu reino, a fuga seria certa; mas fui por vontade própria, me comprometi com a obediência e com a fidelidade sem fim, e me aproveitei de sua gentileza e hospitalidade. Para mim parece covarde e ingrato ir embora secretamente, sem uma palavra de agradecimento ou de despedida, e pensar nisso destruiria minha felicidade em casa. Hoje, ela deve voltar. Vou encontrá-la, contar a ela o que

desfez o feitiço de seu reino e implorar para que ela me deixe partir em paz, e com sua bênção. Espere por mim aqui. O ar deste lugar é suave, e os céus noturnos, claros. Antes que a noite clara se transforme em um dia mais claro, voltarei para não mais abandoná-lo.

Ele beijou a mão do velho e seguiu em direção ao mar. Enquanto isso, a fada havia voltado. O portão de corais aberto e os corredores vazios de seu palácio indicavam que Antonio havia partido. A alma dela estava repleta de dor e ira. Ele fazia parte, sim, daquela raça indigna que ela já conhecia e detestava; mas seus olhos e seu coração ainda guardavam aquela imagem divina que ela procurava em vão entre as criaturas frias e tolas do mar, em comparação com a qual a beleza e a harmonia de seu reino mágico

pareciam pobres e insatisfatórias. Ela passara a estimá-lo muito. Havia começado a acreditar na fidelidade dele e, mais uma vez, viu que tinha sido enganada. Mas, como dissera a ele, a fraca piedade dos mortais não tinha espaço em seu coração. Ela não reclamava, nenhuma palavra de ira escapava de seus lábios contraídos. Subiria para punir o desleal, se ele ainda pudesse ser alcançado, conforme suas ameaças.

Ela passou pelo portão de corais até o ponto onde os degraus levavam ao mundo acima da superfície. Fez um gesto e a escada instável se tornou firme sob seus passos. Quando ela apoiou o pé no primeiro degrau, Antonio começou a descer. Eles se encontraram na metade do caminho no meio do mar. Antonio tremia, enquanto ela permanecia diante dele no esplendor total de sua beleza

mágica e de sua incrível majestade e poder, e a alma dele se afastou dela e se voltou com grande saudade para seu amado lar.

— Donde vens? — perguntou ela com seriedade, apesar de seus ouvidos atentos ouvirem a história das últimas horas nas batidas mais altas do coração dele. — Donde vens? — Então, ele reuniu a coragem para contar tudo a ela e implorou que o deixasse partir em paz.

— Não te lembras daquela noite de verão na qual insististe em vir comigo, apesar de meus alertas? — perguntou ela com o mesmo tom intenso.

— Sim — disse Antonio.

— E não te lembras de minha ameaça e de tua exigência para que eu te punisse se traíesses tua palavra?

— Eu me lembro de tudo — disse Antonio com lábios trêmulos.

— E diante de todo esse medo e do futuro certo, ainda sonhas em me deixar?

— Não posso evitar — gritou ele com intensidade —, o reino do mar perdeu seu encanto desde que vi o abismo de inimizade irreconciliável que o separa de minha raça, uma vez que tirou de mim o que já foi o tesouro mais valioso de meu coração. Não, orgulhosa senhora, deixa-me partir; não serei, a partir de agora, nada além de um convidado lúgubre.

Os olhos dela ficaram escuros e insondáveis como o mar profundo abaixo deles.

— Vai — disse ela lentamente —, mas primeiro, solta tua cinta.

Ele deu um suspiro profundo de esperança e felicidade, tirou a cinta estrelada da cintura e a entregou à fada. Ela a pegou, olhou mais uma vez o rosto dele e desceu os degraus que se desfaziam.

Antonio se virou para ver o mundo superior, mas a escada acima dele tinha desaparecido e o degrau em que seu pé pousava derretia debaixo dele, que se viu flutuando em águas escuras e profundas. Mas as ondas não eram mais suaves e livres como as brisas da primavera acima de sua cabeça e peito. Com a cinta, ele havia aberto mão do poder sobre elas, e agora não passava de um mortal fraco lutando com os elementos. As ondas rugiam ao redor dele e o lançavam de um lado a outro, como uma bola, enquanto ele se esforçava para respirar, em vão. Olhou para cima para medir a distância e lutou

com toda a força do desespero contra as ondas. Seus braços jovens e fortes o levavam para cima; mais uma vez, ele ergueu a cabeça acima da água e respirou o ar do paraíso. Seus olhos buscaram a rocha vermelha na qual seu antigo professor ficara, com os braços esticados em direção a seu filho adotivo, cujo esforço desesperado ele não tinha o poder de evitar.

— Estou indo, estou indo, meu pai — gritou ele, com confiança, mas um vagalhão gigante atingiu o jovem e o lançou nas profundezas.

Os tons da noite desapareciam do mar, e o velho ainda permanecia ao lado da rocha, com as mãos unidas e os olhos fixos nas profundezas agora tranquilas. Um objeto escuro veio flutuando do oeste, e as ondas o deixaram na praia quase aos pés do homem. Ele ergueu os olhos escuros e observou a forma imóvel, então

se ergueu e caminhou com passos instáveis até lá. Ali estava Antonio, pálido, frio e morto. Ele havia cumprido a promessa; antes de a noite clara se tornar a manhã mais clara, ele havia retornado, mas não como sonhara e desejara. As mãos trêmulas do velho cavaram a cova dele ao pé da rocha vermelha onde Antonio havia visto a fada pela primeira vez. Então, ele seguiu em direção ao lar distante e solitário.

Assim que a noite chegou novamente para visitar terra e água, a fada do mar ergueu-se acima das ondas, dirigiu-se às rochas e sentou-se ao lado daquela sob a qual estava Antonio. Ali, ela permaneceu, silenciosa e imóvel, com as mãos alvas pousadas no colo e os olhos sonhadores observando os vagalhões que se assomavam; mas por suas faces escorriam grandes lágrimas

que brilhavam à luz do sol poente e contavam a dor que latejava em seu magnífico e solitário coração.

Somente quando as matizes da noite deram lugar aos tons rosados da alvorada, a fada do mar voltou ao seu reino no oceano, para à terra não mais retornar.

Desde então, nunca mais foi vista por olhos mortais, e nada mais se ouve ao longo da costa da Noruega sobre a antiga saga da fada do mar.

O local do descanso final de Antonio é ermo, assim como antigo. É conhecido apenas pelo céu norueguês, que o cobre, alegre e ensolarado, e as ondas pequenas às vezes passam sobre ele, brilhando como as lágrimas da fada do mar.



A WISH E O RESGATE DOS LIVROS RAROS

A publicação de obras raras e inéditas pela Editora Wish acontece desde o nosso primeiro lançamento, com contos de fadas que nunca tinham sido traduzidos para a língua portuguesa. Acabamos, com o tempo, nos apaixonando cada vez mais pelo passado e seus tesouros escondidos. Enquanto clássicos criam gerações de leitores ao longo das décadas, os raros e inéditos mantêm aceso o fogo da curiosidade sobre o que é diferente do comum. Afinal, quais livros eram lidos e apreciados pelos nossos antepassados? Quais tipos de obras deslumbrantes ou estranhas eles tinham em suas bibliotecas particulares?

A literatura rara e inédita leva a mente para fora do escopo comum, e direciona nossas lunetas para estrelas nunca antes vistas... Ou quase esquecidas.

A Wish tem o prazer de publicar livros antigos de qualidade e com traduções realizadas pelos melhores profissionais, envelopados em projetos gráficos belos e atuais para agraciar as estantes dos leitores. São presentes para a imaginação repletos de entretenimento e recordações de épocas que não vivemos – mas que podemos frequentar através de incríveis personagens.

*Um abraço da Wish
e até mais! ♥*

WISH 